

ROMANTISMO: ILUMINISMO, NACIONALISMO E SENTIMENTO

Gisleyne Cássia Portela Costa
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Este trabalho pretende expor de forma panorâmica, as dimensões tomadas pelo Romantismo, visando sua contribuição para formação do pensamento ocidental e o legado deixado para essa mesma cultura do ocidente até a atualidade.

Palavras-chave: Romantismo; Iluminismo; nacionalismo.

Abstract:

This paper intends to present an overview of the dimensions of Romanticism, considering its contribution to the formation of western thought and its legacy to this same western culture.

Key-words: Romanticism; Enlightenment; nationalism.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho são explorados aspectos da cultura ocidental que, se não tiveram no romantismo seus germens, encontram nesse um fortalecedor. Tivemos a preocupação norteadora na elaboração desse trabalho de não enfatizar aspectos do Romantismo compartilhado pelo senso comum, senso esse fundamentado por uma literatura simplória; estamos aqui tratando de um Romantismo vigoroso. O mesmo é explanado aqui muitas vezes através de uma perspectiva dialética justificando seu contexto. Assim ressaltando a relevância desse movimento artístico-filosófico para o nosso arcabouço cultural.

1. Uma ressaca iluminista

1.1 Educação e Arte

É difícil negar o fato quase consensual de que aspectos no Iluminismo já apontam para o Romantismo. É um tanto óbvio, porque não podemos esperar que um movimento com tanta repercussão e que durou por tanto tempo, tenha surgido do nada.

O racionalismo iluminista não obteve todos os resultados que almejava em seu projeto de transformação do homem através do conhecimento racional, pela educação e humanização. Esses dois últimos objetivos do Iluminismo foram vistos

* Trabalho desenvolvido para a disciplina de Literatura Brasileira II, ministrada pelo Professor Fábio Cavalcante de Andrade, no primeiro semestre de 2004.

pelos românticos como legítimos fundamentos para um mundo melhor. Não é no Romantismo a primeira vez que a arte é vista como um meio de melhorar a humanidade. No Renascimento esse era um dos fundamentos para um homem ideal. Mas é com o Romantismo que pela primeira vez a expressão artística da burguesia se volta para o popular e passa a valorizar de certa forma essa cultura.

A natureza era fundamental para a constituição do indivíduo. Rousseau já defendia o retorno do homem ao seu estado natural, um selvagem humanizado, não corrompido pelos vícios da sociedade. Dentro dessa idéia estava a crítica à educação vigente como uma forma de domesticação do homem. Não estou com isso afirmando que Rousseau era contra educação. Porque mesmo que algumas vezes lembrado como germe do pensamento romântico, não podemos esquecer que ele foi filho do Iluminismo. Época essa, em que a importância da educação já era censo comum entre os pensadores.

Rousseau semelhante aos românticos também se encontrava desiludido com a civilização, mas não tinha desacreditado na unidade dessa civilização, o homem. Rousseau podia parecer contraditório em sua *educação-negativa*, uma espécie de não-educação que pretendia manter o indivíduo em seu estado primitivo de pureza. Em *Emílio* onde se encontram suas teorias sobre educação, o homem é fruto da cultura que o corrompe. É nesse ciclo vicioso entre sociedade e indivíduo, que Rousseau encontra uma saída: se o problema é a sociedade, inocenta-se a genética. Portanto o homem é imanentemente bom e é preciso que ele permaneça por mais tempo em seu estado de inocência, um prolongamento da infância. A fórmula de Rousseau para alcançar a razão e ter entendimento das coisas era: manter a criança sadia e sem saber distinguir sua mão direita de sua mão esquerda até os doze anos de idade. Até a Idade Média a criança era tida como um adulto pequeno. Para Rousseau e posteriormente também para os românticos, a infância é valorizada por ser o estado idealizado do homem. Contudo entre os românticos e Rousseau há uma diferença, enquanto para este a sociedade era o que corrompia o homem, os românticos investiam no conhecimento da cultura dessa mesma sociedade.

É importante ter em mente que a proposta de educação do Romantismo não é a mesma do Iluminismo. Neste, todo o conhecimento era racional e exterior ao homem. O Romantismo não descarta esse conhecimento, mas não o tem como único, nem o mais importante. Igualmente necessários eram os conhecimentos tácitos como intuição e inspiração. Para a obtenção desse conhecimento o Romantismo criou uma personagem quase mítica, o "gênio". Aquele sujeito que levado pela sua própria natureza ligada a uma Força Criadora, era capaz de grandes prodígios artísticos. Para os primeiros místicos românticos, a arte era o meio pelo qual o homem se educaria e era também uma ponte entre natureza e espiritualidade. Na maioria das vezes essa ponte nem sequer existia, pois, homem, natureza e espiritualidade se fundiam. Essa forma de pensar e sentir implicará em uma concepção muito mais mística de religião. Assim o pensamento romântico era um complexo de sentidos e uma síntese de espiritualidade e filosofia. Para Schelling, por exemplo, a natureza, a alma humana e a realidade física eram

expressões de um único Deus ou do Espírito do mundo, como costumava se referir a Deus. Não havia distinção entre o artista romântico e o filósofo. E para esse artista filosofante ou filósofo artístico, a arte era a educação do espírito. A arte mesmo sendo um produto humano, deveria ser entendida sempre como a essência de uma existência humana, idéia essa que será mais adiante retomada por Nietzsche em seu ideal de homem que pudesse transformar sua própria vida em uma grande obra de arte.

1.2 Arte: liberdade estética reflexiva

A arte ocidental desde o Barroco ganha um caráter confessional e profundo sobre os sentidos humanos. O homem barroco por se ver dividido, em nada se comparava com o ideal de homem clássico, o qual buscava sempre a temperança de seus sentidos. Mas é com o Romantismo que a necessidade de romper com o que havia de moderação na arte, ganha prestígio (ironicamente isso também será mais uma regra, romper será quase normativo). Pois seguir recursos pré-estabelecidos por outrem, era não estar sendo sincero com seus próprios sentidos. Não é à toa que termos como originalidade e genialidade são expressões que parecem nascer com o Romantismo. Exacerbação dos sentidos era a ordem e o comportamento necessário para manter uma arte comprometida com o que havia de mais profundo no homem. Criou-se então uma flexibilidade que possibilitou ao Romantismo ser pilar para questões diversas em cada país onde chegou, e durar por tanto tempo. Nessa longa estada no Ocidente, o Romantismo foi responsável por modelar nossa sensibilidade até hoje. No romantismo a concepção de literatura deixa de ser fundada em critérios retóricos e passa a ser resultado da experiência da subjetividade individual (Luiz Costa Lima, 1993:207). Essa singularidade permitiu que a poesia deixasse de ser entendida como um gênero literário (poema) e passasse a ser entendida como designativo de seu efeito, adjetivo para toda apreensão do belo. A poesia a partir daí perde a especificidade determinada pela forma (verso), é tida como um sentimento e ganha uma extensão da existência humana (não quero com isso dizer que o verso foi abandonado pelos românticos). Esse sentimento de arrebatamento evidencia-se não só na literatura, mas em outras expressões artísticas como na música e no teatro. Não negamos que a literatura de apreensão imediata para agradar a burguesia emergente (burguesia essa que pouco estava interessada em arrebatamentos poéticos) possibilitou que a literatura romântica fosse também assim lembrada, literatura fácil para entreter. Entretanto em alguns poetas (casos mais especiais que se destacam no quadro extenso da poesia romântica) a poesia tornou-se mais *poética* rompendo com a rigidez de uma retórica normativa, pois se encontrou no seu caráter lúdico, responsável por explorar as potencialidades da linguagem e ser o fomento da língua, e no sentido mais amplo que tomou, passa a ser também fomento da alma humana, e esse sentimento é definido por Valéry como “poesia pura” (Jean Cohen, 1966: 21). O termo poesia, nesse caso, ganha amplitude no Romantismo, mas não é uma amplitude gasosa, sem densidade e simplesmente errante. Mas uma amplitude

consciente de si mesma. O fazer artístico estava atrelado à crítica dessa mesma arte. Isso fica claro com o surgimento dos fragmentos, ensaios críticos e poéticos, pelos quais circulava a crítica literária de românticos como Novalis e Schlegel. Aí se tinha o pensador e o artista trabalhando simultaneamente, um outro legado deixado para a Modernidade até os dias de hoje, como vemos na crítica poética de Octávio Paz, onde não é suficiente apenas pensar, mas pensar esteticamente, lirismo necessário para se falar de lirismo. A arte pensada perde a inocência, ou melhor, ganha consciência de que essa inocência nunca existiu. Estamos agora atentos a todas as dimensões do universo artístico.

2. Iluminismo e Nacionalismo

O Romantismo também tem participação na história do humanitarismo. No Iluminismo era uma questão dividida, segundo o historiador Francisco José de Calazans Falcon (1994:44-45), o humanitarismo no Iluminismo se dividia em dois: o humanitarismo racional e o humanitarismo sentimental. Com o humanitarismo racional o homem se tornou objeto da ciência, nasce então a antropologia e com ela o desenvolvimento de temas como humanidade, civilização e progresso. Enquanto o humanitarismo sentimental é o prenúncio do Romantismo.

O Romantismo foi o último grande movimento artístico que sobreviveu na Europa por tanto tempo, começando no fim do século XVIII na Alemanha e foi até o fim do século XIX. Não só se expandiu no tempo, mas também no espaço. Ganhou aspectos diferentes de acordo com a recepção em cada país onde chegou. O *Ímpeto e Tempestade* dos alemães, no sentido mais profundo que tinha na origem, chega cansado ao Brasil, e não consegue sobreviver em meio a um contexto social que pedia com urgência um projeto de nacionalidade. Segundo Bosi (1994:112) foi o Romantismo francês que influenciou o Brasil, pois encontrou aqui um lugar propício para o nacionalismo, e mesmo tendo uma poesia profunda em Sousândrade e às vezes em Álvares de Azevedo, preferimos a literatura fácil dos folhetins franceses.

O Romantismo alemão era mais uma questão de filosofia. Em Werther, por exemplo há sempre observações sobre a vida de um modo em geral e as pessoas estão ali para compor uma paisagem. Exceto do próprio Werther, quase não há descrições psicológicas das personagens, o que caracterizava o Romantismo francês. O francês Denis de Rougemont (1939:301) chega a afirmar que na França não houve filósofos românticos:

“A França da Revolução¹ e do Império² já não dispõe de energia para especulações espirituais: não tem uma nova religião³, não tem filósofos românticos, pouca ou nenhuma fantasia - esse excesso de espírito exaltado pelo próprio drama”.

¹ Revolução Francesa

² Império de Napoleão

³ Reforma Protestante

Se o Romantismo introspectivo e místico não teve êxito na França, sem dúvida encontrou aí um lugar propício para outra característica do Romantismo, o nacionalismo.

A grande demanda de homens para o exército de Napoleão, fez com que Alfred Musset (1820:10) em a *Confissão de um Filho do Século*, definisse a cena na França como um país dividido em duas classes de seres, os semi-deuses (soldados) e os cadáveres. Esses semi-deuses sempre instigados à guerra, viram-se deslocados depois da queda de Napoleão. Esses homens de músculos preparados para guerra e coração para morte, não conseguiam lutar contra o ócio. Então chegam à França as idéias alemãs e inglesas do Romantismo. Idéias carregadas de nacionalismo, encontram na França desolada um lugar fértil para florescerem em 1820.

Dentro do próprio Romantismo alemão existiam duas vertentes, uma era o Romantismo Universal, que se preocupava com a natureza, a alma e o gênio artístico. Depois desse, surge o Romantismo Nacional, preocupado com a cultura, sobretudo a popular, resgatada através de trabalhos de pesquisas da língua e da história. Daí o resgate dos mitos e dos costumes. No Brasil temos o exemplo dos trabalhos de José de Alencar, o resgate da cultura popular e do português do Brasil em seus romances.

Por esse nacionalismo o homem romântico deixa de ser cidadão do mundo, cosmopolitismo tão defendido pelos iluministas. Diferente também do Iluminismo era o papel da história agora no Romantismo que passou a ser base para exaltação de um povo. Como explica Montserrat Guibernau (1996: 65):

O nacionalismo romântico teve um efeito profundo na Catalunha. Enquanto as invasões napoleônicas haviam gerado sentimentos de patriotismo tanto catalão como espanhol, durante a década de 1840 historiadores românticos passaram a glorificar o passado catalão.

A história não foi simplesmente subserviente ao nacionalismo, mas um grande passo para a compreensão da condição do pensamento ocidental. Através da dialética de Hegel, teoria da tese, antítese e síntese, temos uma certeza da necessidade da diversidade de pensamentos. Nenhuma verdade pode ser então estabelecida como única. Só a história nos dá a condição de julgar com uma visão privilegiada pela distância. Contudo Hegel ainda carrega em si a idéia de que cada vez mais caminhamos para a consciência de nós mesmos e ao auto-desenvolvimento. Com Hegel o individualismo romântico se desintegra. Para ele, a razão ou espírito do mundo, só se torna possível no movimento da história. Utilizando-se ainda da dialética de Hegel, o Romantismo como antítese ao puro racionalismo do Iluminismo, deixa para a Modernidade um precioso legado, como diz Richard Tarnas (1991:403) uma, "dupla verdade": ciência-religião, homem-mundo, sujeito-objeto, interno-externo,... Dicotomias que se secularizam e não podemos descartá-las mais, se queremos ser coerentes em nossas afirmações. Esse dualismo que se tornou empedernido em nossa cultura amplia nossa visão de

mundo e também faz com que o pensamento ocidental passe por uma crise de relativismo desesperançado, típico do que se entende por Pós-Modernidade, já que esta dupla verdade não se equilibra assumindo uma unidade desejável como sugeria Goethe. Viciamos-nos em pensamentos dicotômicos, e um contínuo entre esses dois pólos parece ser uma utopia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As preocupações do Romantismo colocadas brevemente, e não esgotadas neste trabalho, precisam de atenções mais aprofundadas. Pois ainda são de certa forma preocupações atuais. As razões pelas quais o Romantismo tomou tão grande dimensão devem ser meticulosamente estudadas, para não estacionarmos em razões imediatistas, como sua flexibilidade em se adaptar às necessidades das culturas por que passou; ou na idéia de que o Romantismo apenas seguia seu curso previsível por uma dialética. De certo, que esse complexo movimento artístico-filosófico não pode ser reduzido aos clichês que nos foram vendidos insistentemente, a partir do comércio discreto dos folhetins até a indústria cultural dos nossos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo (1994)– *História Concisa da Literatura Brasileira*. 36ªed. São Paulo, Cultrix.
- COHEN, Jean (1978)–*Estrutura da Linguagem Poética*.2ª ed. São Paulo, Cultrix.
- FALCON, Francisco José Calazans (1994). *Iluminismo*. 4ª ed. São Paulo, Ática.
- GUIBERNAU, Montserrat (1997). *Nacionalismo: o estado nacional e nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- LIMA, Luiz Costa (1993). *Limites da Voz: Montaigne, Schlegel*. Rio de Janeiro, Rocco.
- MUSSET, Alfred (19__?). *A confissão de um filho do século*. 2ª ed. São Paulo, Atena.
- ROUGEMONT, Denis de (2003). *História do Amor no Ocidente*. 2ª ed. São Paulo, Ediouro.
- TARNAS, Richard (2003). *A epopéia do pensamento ocidental: Para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand.